

Editorial

Praxiologias Decoloniais no Ensino de Línguas

Para início de conversa

“O termo [praxiologias decoloniais] substitui teorias, pois compreendemos que, pelo menos na nossa área, teorias não podem ser dissociadas da prática. Essa é a nossa forma de interpretar o argumento de Freire (2005) de que não há prática sem teoria, nem teoria sem prática. Usar os dois termos é dicotomizá-los, isto é, reforçar um binarismo que, além de não explicar, hierarquiza conhecimentos em nossa área. Também usamos educação linguística como uma expressão ampla, que engloba a formação crítica docente e evita outra dicotomia: ensino e aprendizagem, já que, como também afirma Freire, não existe ensinar sem aprender (FREIRE, 2001). A nosso ver, a educação acontece na construção dialógica do conhecimento, onde todas as pessoas e materialidades envolvidas ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Já o termo crítica envolve a problematização: das iniquidades da vida social, buscando transformá-la em bases mais justas; das normas hegemônicas, objetivando entender como se constituíram assim; dos limites de nosso conhecimento; e de futuros desejáveis, pautados por princípios éticos (PENNYCOOK, 2001).

Pessoa, Silva e Freitas (2021, p. 16)

O sistema-mundo inventado pela modernidade/colonialidade foi e ainda está estruturado de forma binária e hierarquizada, contado por uma metanarrativa, ou “uma história única” universalizante (ADICHIE, 2019), em que os protagonistas, os heróis vencedores, são os narradores, inventores do sistema, com a arrogância do ponto zero (GROSFOGUEL; CASTRO-GÓMEZ, 2007). Nessa estrutura moderna colonial, somente um mundo é possível, uma só perspectiva e um só ponto de vista sobre o mundo e sobre a vida são válidos, apenas um tipo de conhecimento é legítimo e somente “as línguas de culturas”, as coloniais e imperiais, são autorizadas a veicular os conhecimentos legítimos. A normatividade do corpo para o mundo, sobretudo para o mundo do trabalho, é o fundamento da realidade.

A educação escolar, mais especificamente, a educação linguística pela escola, tem o objetivo de normatizar as práticas sociolinguísticas, as vivências dos corpos e das existências no mundo. A educação linguística totalitarista não admite a existência

de nenhuma norma ou prática linguística diferente da norma única legitimada pela herança colonial. No ponto de vista contra-colonial da diversidade (KRENAK, 2019, 2020), no mundo, cabem muitos mundos, quantos existirem, com direito à existência. Todos os conhecimentos e línguas são válidos e legítimos. Legitimar a existência de línguas não hegemônicas e de suas diversas práticas sociolinguísticas para fins de ensino e aprendizagem implica estudá-las numa perspectiva praxiológica, pois, assim, pode-se evidenciar a relação entre suas dimensões teórica e prática. A praxiologia é, portanto, aqui tomada como um referencial teórico que funciona como uma metodologia informada pela perspectiva teórica para refletir sobre práticas docentes na perspectiva decolonial.

Conforme Mbembe (2016), a agenda decolonial de pesquisa foi estabelecida com dois objetivos: criticar o modelo acadêmico eurocêntrico dominante e imaginar como um modelo alternativo a esse modelo pode ser. Na perspectiva das praxiologias decoloniais no ensino de línguas, as práticas linguístico-epistêmicas contra-coloniais são legítimas e têm o direito de ser ensinadas na escola tanto quanto as normas válidas das línguas de cultura. Para isso, é fundamental uma formação alternativa de docentes nas universidades e a circulação das línguas contra-coloniais em periódicos acadêmicos.

Os dez artigos presentes neste dossiê reforçam as constatações de temas e dimensões das praxiologias educacionais no ensino de línguas, destacando-se de forma geral: 1) a necessidade de transposição das amarras do modelo de ensino de língua/linguagem (e literaturas) tradicional, colonial, arbitrário e domesticador. 2) A contemporaneidade das perspectivas decoloniais e da educação linguística crítica na formação de professores e estudantes para a cidadania. 3) Praxiologias de língua/linguagem (e literaturas) plurais, reflexivas, críticas e humanizadoras em diferentes espaços, escolares e não-escolares. 4) Discussões sobre questões identitárias imbricadas às praxiologias de um contexto caótico. 5) A busca por perspectivas praxiológicas decoloniais que contribuam com a emancipação dos indivíduos. 6) A transformação da sociedade pela educação libertadora.

O dossiê em foco

Iniciamos este dossiê com o artigo de Ana Paula Alba Wildt, da Universidade Federal do Rio Grande, que, sob o título de ***Corazonando a formação de professores de línguas: cinema como esforço de decolonização do currículo***, aborda uma experiência de esforço de decolonização do currículo por meio de narrativas

autoetnográficas críticas de alunos pibidianos do curso de licenciatura dupla em Letras - Português/Inglês de uma Universidade Federal no Sul do Brasil, socializadas após a exibição de documentários (auto)biográficos docentes e discentes no contexto de um projeto de extensão universitária. Para tanto, a autora buscou suporte em uma metodologia de pesquisa qualitativa que utiliza a perspectiva narrativa para compreender os sujeitos pelas suas próprias lentes e vozes. A experiência permitiu situar o cinema como potente agência de uma aprendizagem docente outra, uma vez que as trajetórias, os discursos e as representações de docência evidenciados nos documentários dispararam narrativas autoetnográficas críticas que reforçam as contribuições da sétima arte e da biograficidade na formação transgressora de professores de línguas, em contramarcha à racionalidade técnica frequentemente (re)produzida no contexto acadêmico e silenciadora das vozes discentes.

Silvio Nunes da Silva Júnior, da Universidade Federal de Alagoas, Lucas Felipe de Oliveira Santiago, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nadja Eudocia dos Santos Lins, Universidade Federal de Alagoas e José Venicius Ramos da Silva, da Universidade Federal de Alagoas, em seu artigo **Decolonialidade e ensino de língua portuguesa: um desafio para a educação escolar na contemporaneidade**, trazem reflexões sobre a pedagogia decolonial no ensino de língua portuguesa como uma possibilidade de prática pedagógica que englobe os sujeitos subalternos e temáticas decoloniais. Os autores tomaram como base teórica a literatura do Grupo Modernidade/Colonialidade, do Giro Decolonial e demais teóricos que defendem uma educação descolonizada e emancipatória. O percurso metodológico que conduziu a presente pesquisa está inserido no campo da Linguística Aplicada, dentro da abordagem qualitativa, tendo como *corpus* de análise entrevistas realizadas com dois docentes de língua portuguesa da educação básica. Os autores perceberam, nos dizeres dos entrevistados, atuações pedagógicas que objetivam o empoderamento e a autonomia dos estudantes através de práticas de ensino que caminham a passos lentos para o que os conceitos de decolonialidade propõem, porém é possível observar a ciência desses sujeitos no que se refere aos caminhos necessários para democratização e emancipação educacional no plano do ensino de língua portuguesa.

Em **Speaking in the middle ground: from an intercultural braiding to a translinguistic carnival**, Sigrid Rochele G. P. Magalhães, da Universidade Federal da Bahia e Raulino Batista Figueiredo Neto, da Universidade Federal da Bahia, propõem-se a refletir sobre a língua inglesa como fenômeno de expansão comunicativa e os consequentes processos de contato desse idioma com as línguas-culturas Outras. O estudo considera os aspectos interculturais e decoloniais no percurso dos

falantes-aprendizes, rumo ao seu engajamento translinguístico, de modo a verificar de que forma as fusões/mudanças de código (léxico, estrutura, prosódia e pronúncia) vão se incutindo nos imaginários linguísticos de aprendizes/usuários e como eles começam a produzir/expressar, não apenas a língua Outra, mas também as suas identidades locais. Para tanto, os autores utilizaram um cruzamento entre duas pesquisas de campo voltadas para os aspectos da produção/aprendizagem na língua inglesa bem como do processo de ensino. Os resultados indicam a premência de uma mudança efetiva na instância do ensino/aprendizagem em que falantes-aprendizes são considerados como uma das vozes da interação comunicativa com todas as suas possibilidades translinguísticas e sua contrapartida co-autoral.

Andréia Inês Hanel Cerezoli, Roselaine de Lima Cordeiro e Marckenson Jean, da Universidade Federal da Fronteira Sul, no artigo **Kreyòl ayisyen an rive nan inivèsite: pa vwa kèk moun, yon kri de anpil moun/Creole arrives at the university: in the voice of a few, the cry of many**, estabelecem como uma prática coerente, com a perspectiva decolonial no ambiente universitário, a participação dos discentes haitianos em projetos de extensão universitária. Após a descrição do projeto, os autores apresentam os resultados, revelando que a atuação dos alunos haitianos motiva a presença de outros haitianos seja nas manifestações nos comentários durante os eventos on-line, seja no incentivo à participação em outras atividades acadêmicas. Assim, há práticas decoloniais: (1) na valorização da língua crioula no título de um artigo científico; (2) no reconhecimento da extensão universitária como fazer científico e produção de conhecimento; e (3) na participação dos alunos haitianos como produtores de conhecimento.

Cristina Gutiérrez Leal, da Universidade Federal de Uberlândia, Camila de Souza Santos e André Figueiredo Freitas, da Universidade Federal de Minas Gerais, no artigo intitulado **O ensino de literatura hispânica na educação básica sob a luz da decolonilidade e do letramento crítico**, apresentam a análise de uma unidade didática para o ensino da leitura literária em espanhol, baseada no conto *Shakira y La Mosca*. A reflexão se alicerçou na educação decolonial e pluricultural, no Letramento Crítico e educação do entorno, a partir de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo, que tem por um dos objetivos descrever uma proposta de leitura cujos objetivos específicos foram: I) refletir sobre a formação de leitores críticos de literatura hispânica no ensino básico; II) mobilizar práticas de educação decolonial a partir do ensino da leitura literária; III) motivar o desenvolvimento da educação decolonial a partir da leitura crítica de textos literários. Com essa reflexão, espera-se contribuir com o desenvolvimento do senso crítico dos aprendizes de língua espanhola a partir de textos literários.

No artigo cujo título é **Para uma praxiologia da esperança: ensino de língua portuguesa no contexto tecnológico**, Rosana Helena Nunes, da Faculdade de Ensino Superior e Tecnológico da Faculdade de Tecnologia (FATEC/SP) e Kleber Aparecido da Silva, da Universidade de Brasília e da Stanford University, discutem algumas obras de Paulo Freire em relação aos estudos da linguagem. Trata-se de uma proposta de repensar a prática educativa por meio de praxiologias decoloniais, uma praxiologia da esperança, em que se privilegie uma educação linguística crítica, no ensino de Língua Portuguesa, em contexto tecnológico. Essa pesquisa, intitulada “Educação Profissional e Tecnológica e ensino de Língua Portuguesa em tempo de crise: perspectivas, interfaces e desafios para uma Educação Humanizadora”, é resultado de uma investigação e fundamenta-se numa perspectiva decolonial e freiriana à luz da Linguística Aplicada Crítica, além dos documentos oficiais: Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional e Tecnológica, Constituição de 1988 e Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos

Em **Por práticas decoloniais no ensino da língua inglesa: atitudes e posturas outras com o uso das tecnologias digitais**, Cristiane Ribeiro Barbosa da Silva, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologias do Estado do Pará, Leonardo Zenha, da Universidade Federal do Pará, Miria Gomes de Oliveira, da Universidade Federal de Minas Gerais, refletem sobre o ensino da Língua Inglesa e o uso das tecnologias digitais durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), no contexto da pandemia da Covid-19, a partir de uma perspectiva decolonialista. Para isso, adota-se a perspectiva do pensamento decolonial como práxis, resistência, luta e insurgência. Para tanto, buscam-se diálogos entre os estudos decoloniais, as contribuições entre os estudos decoloniais, as contribuições da Linguística Aplicada o pensamento freireano, tendo em vista apontar alternativas para o ERE no fazer/saber pedagógico, aliadas ao rompimento com práticas de dominação, exclusão, opressão e subalternização em aulas de língua inglesa.

O artigo de Arthur Bruno Rodrigues Pedrosa, Andrea da Silva Marques Ribeiro, intitulado **Por um currículo escolar decolonial: uma conversa entre a BNCC e a língua inglesa**, tem por objetivo discutir possibilidades de ensino da língua inglesa na perspectiva decolonial a partir do documento norteador da educação básica no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Foi apresentado primeiramente um breve panorama de como a língua inglesa é considerada no documento relativo aos anos finais do ensino fundamental. Em sequência, foram discutidos aspectos relacionados ao currículo escolar e a decolonialidade. Em seguida, faz-se uma análise da BNCC, destacando as partes que podem propiciar um

trabalho na perspectiva decolonial com o currículo e ensino da língua inglesa. Por fim, ressalta-se a importância da visão de língua franca para o desenho de currículo e do ensino da língua mais decolonial.

O artigo intitulado **Portfólios educacionais: brechas para uma formação decolonizadora**, de autoria de Laura Janaina Dias Amato, da Universidade Livre da América Latina, e Henrique Rodrigues Leroy, da Universidade Federal de Minas Gerais, aborda o papel dos portfólios educacionais na construção de narrativas decolonizadoras na formação inicial de professores. Os portfólios educacionais são instrumentos de reflexão e críticos às práticas educacionais pré-determinadas por currículos engessados. Os autores fizeram análises de reflexões de portfólios de estudantes de graduação em Letras. O papel dessas narrativas foi concebido como brecha ao discurso fechado imposto pelos documentos institucionais que engessam o sistema e a formação docente, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica. Esses documentos oficiais puderam materializar o que os autores denominaram como colonialidade do poder, sobretudo, em suas vertentes epistemológicas - a colonialidade do saber - e linguageiras,- as colonialidades das linguagens. Assim, este artigo buscou refletir sobre os efeitos de portfólios educacionais como métricas qualitativas que disrompem a lógica neoliberal das políticas linguísticas.

E para fechar o dossiê, apresenta-se o texto **Um olhar praxiológico sobre o ensino de línguas na educação superior, a partir de questões culturais, em um contexto pandêmico**, de Eliane Maria Santos, da Universidade Federal de Sergipe. A autora traz os resultados de uma pesquisa-ação que teve como objetivo analisar os resultados obtidos com uma disciplina teórica do curso de Letras Português-Inglês, destinada a discutir questões relacionadas à cultura e identidade. Com dados coletados com um questionário e atividades assíncronas, Santos afirma que os(as) alunos(as) atestaram terem desenvolvido uma postura mais crítica reflexiva, buscando atitudes decoloniais, quando expostos(as) a contextos nos quais o norte global se coloca como detentor dos padrões a serem seguidos.

Para finalizarmos esta conversa

Vivemos em um cenário mundial caótico. Com isso, cabe destacar que a partir de praxiologias que envolvem uma educação linguística crítica, sólida, será possível ter mais sucesso na e para a formação de cidadãos reflexivos e autônomos. Essa

formação demanda processos decoloniais que viabilizem a pluralidade de fontes de conhecimento a fim de abarcar aspectos teóricos-científicos, bem como sentidos e emoções. Portanto, pressupõe-se um modelo praxiológico para humanizar, para esperar.

Nesse contexto, também, a formação de professores de línguas carece ser repensada e atualizada constantemente, almejando essa perspectiva decolonial que possibilite o crescimento, o desenvolvimento identitário significativo e consistente dos indivíduos envolvidos. Pois, é a decolonialidade que subverte o sistema colonial, contribuindo para o surgimento e/ou fortalecimento de uma abordagem dinâmica e emancipatória que tem na língua/linguagem a força para a desconstrução de discursos homogêneos e discriminatórios.

Está em jogo o uso da língua/linguagem como instrumento político de ascensão social e de libertação que possibilita e motiva o indivíduo ao protagonismo cidadão. Mais ainda, espera-se uma real transformação social, uma pedagogia decolonial ancorada em discursos que valorizem a pluralidade humana e, portanto, a linguística.

Mais e novos espaços e propostas que considerem a decolonialidade no ensino e na aprendizagem de língua/linguagem e literaturas são urgentes. Perspectivas que abranjam as multi e interculturais, os letramentos, a translanguagem, transversalizando o desenvolvimento da sociedade, com a coexistência de diferentes saberes, culturas, identidades e modos de vida.

Na concepção Freiriana, “As práticas pedagógicas são livres e libertárias (Freire, 1967), portanto, uma base comum universal pode ser questionada, transgredida. Decolonizar nossas práticas é dar espaço para questionamentos sobre os sistemas e as normas vigentes em busca de mudanças positivas; é transformar práticas, posicionamentos e comportamentos considerando a realidade local, sem descon siderar o contexto global. Desse modo, a cultura, a política e a história social se constituem pela educação e pela humanização da sociedade, portanto, decolonizar a língua/linguagem é preciso.

Destacamos ainda neste Volume da Revista Desenredo, a seção geral que conta com seis artigos. O primeiro texto é **A aprendizagem de língua espanhola: uma análise dos sentimentos em contextos de aula nos formatos presencial e on-line**, no qual as autoras Gisele Benck de Moraes e Mariane Rocha Silveira, da Universidade de Passo Fundo, trazem reflexões sobre os sentimentos e as percepções de estudantes acerca da aquisição do idioma espanhol na modalidade presencial ou *on-line*. A autoras pontuam que embora os resultados demonstrem que a tecnologia pode e deve ser uma aliada no processo de ensino e aprendizagem de

uma língua estrangeira, as conclusões apontam que os estudantes ainda preferem as aulas presenciais e acreditam que a continuidade dos estudos é extremamente importante e que todos os esforços devem ser despendidos para que se alcance uma melhor aprendizagem, seja de forma presencial seja *on-line*.

Com o artigo **A literatura afro-brasileira em sala de aula: caminhos para o incentivo da leitura e da história e da cultura**, Ana Lúcia dos Santos e Alexandre Antônio Timbane, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, apresentam a literatura africana e afro-brasileira como uma ferramenta importante na formação do homem crítico. Para os autores, o objetivo é debater a relevância da literatura afro-brasileira e africana na construção de identidades críticas e inconformadas com as desigualdades. Os resultados apontam que se devem promover debates entre os alunos do ensino médio para que não façam ENEM apenas, mas também sejam cidadãos de respeito e respeitados pela sociedade e sem discriminação de qualquer tipo, lutando para uma sociedade mais humana.

A pedagogia da variação linguística no estágio supervisionado, de autoria de Fernanda Barboza de Lima, Universidade Federal da Paraíba, ressalta o esforço de inserir, no ambiente acadêmico, textos e discussões que ampliem o conhecimento do futuro professor de língua portuguesa sobre a diversidade linguística, movimento que deve contribuir para a ampliação da pedagogia da variação linguística no ambiente escolar. Os resultados apontam que os alunos se utilizam de diversificados gêneros textuais para o trabalho com o tema da variação, optando por trabalhar questões sonoras e geográficas.

Andreia Santana, em **A produção de texto no livro didático da educação de jovens e adultos**, da Universidade Estadual de Londrina, apresenta uma análise de duas propostas de produção textual presentes no livro Caminhar e Transformar, destinado às séries finais do ensino fundamental, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A autora constata que as propostas estão organizadas por gêneros e que estes são trabalhados durante toda a unidade temática. Destaca também que a tecnologia e os gêneros digitais, tal como os gêneros orais, não foram aproveitados satisfatoriamente, para os fins específicos.

O artigo **Gêneros textuais e ensino nos anos iniciais do Ensino** de Ana Maria Lima, da Universidade Federal de Pernambuco, e de Welitânia Renata Mélo, da rede pública de Pernambuco, trazem reflexões sobre a concepção interacionista da linguagem e tem como finalidade investigar a mediação dos professores na abordagem dos gêneros textuais, especialmente no ensino da produção textual escrita. A pesquisa confirmou a hipótese de que o trabalho com os gêneros textuais,

especialmente na escrita, ainda é fortemente marcado pela tradição do ensino da gramática normativa, uma vez que os elementos composicionais, estruturais, são abordados em primeiro plano, em detrimento da função sociocomunicativa e da criatividade dos estudantes.

A seção geral é finalizada com o artigo **Letramento jurídico no ensino médio: habeas corpus e a garantia do direito de liberdade**, das autoras Luciane Sturm, Scheila Verônica de Azevedo Comunello e Patricia Grazziotin Noschang, da Universidade de Passo Fundo. Elas discutem a pertinência da inclusão do ensino dos gêneros jurídicos (GJ) na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, na escola regular. As autoras refletem sobre as possíveis contribuições dessa inclusão para o desenvolvimento do letramento jurídico e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da cidadania em prol dos direitos civis e humanos. O estudo destaca o modelo de sequência como potencializador da apropriação do GJ pelo jovem no ensino médio, bem como para compreensão dos direitos humanos de forma geral.

Agradecemos os/as professores/pesquisadores que submeteram seus textos para este dossiê e desejamos uma proveitosa leitura a todos/as interessados nessas temáticas.

Kleber Aparecido da Silva
Universidade de Brasília/Brasil
Stanford University/EUA

Luciane Sturm
Universidade de Passo Fundo/Brasil

Gisele Benck de Moraes
Universidade de Passo Fundo/Brasil

Leketi Makalela
University of the Witwatersrand/África do Sul

Referências

- ADICHE, C. *O Perigo de uma História Única*. Tradução Julia Romeu. -1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GROSFOGUEL, R.; CASTRO-GÓMEZ, S. (Eds.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. Arte e ensaios: revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.
- PESSOA, R.; SILVA, K. A.; FREITAS, C. C. (Orgs). *Praxiologias do Brasil central sobre educação linguística crítica*. São Paulo: Pá de Parábola, 2021.